

SAVITRI

Livro II, Canto VIII

O Mundo da Falsidade, a Mãe do Mal e os Filhos da Escuridão

Ele podia ver então o coração oculto da Noite:

O labor de sua crua inconsciência

Revelou o infindo, terrível Oco.

Uma Infinitude vazia, desprovida de espírito, lá estava;

Uma Natureza que negava a Verdade eterna

Na vã, tagarela liberdade de seu pensamento,

Esperava abolir Deus e reinar só.

Nenhum Hóspede soberano havia ali, nenhuma Luz testemunha;

Sem suporte, ela criaria ali seu próprio mundo sombrio.

Seus grandes olhos cegos contemplavam atos demoníacos,

Seus ouvidos surdos ouviram a inverdade que seus lábios mudos falaram;

Sua imensa fantasia desencaminhada assumiu vastas formas,

Sua senciência sem mente estremeceu com feroz presunção;

Engendrando um rude princípio de vida

O mal e a dor geraram uma alma monstruosa.

Os Anarcas das profundezas sem forma ergueram-se,

Grandes seres titânicos e demoníacos poderes,

Egos-mundo atormentados por luxúria e pensamento e vontade,

Vastas mentes e vidas sem um espírito dentro:

Arquitetos impacientes da casa do erro,

Líderes da ignorância e inquietação cósmicas,

E promotores de sofrimento e mortalidade

Incorporaram as escuras Ideias do Abismo.

Uma substância-sombra em vacuidade se tornou,
Formas obscuras no Vazio sem pensamento nasceram
Turbilhões se encontraram e criaram um Espaço adverso
Em cujas negras dobras o Ser imaginou o Inferno.

(...)

Um mundo violento, feroz e formidável,
Um útero ancestral de vastos sonhos calamitosos,
Enrodilhado como uma larva na obscuridade
Que a protege das pontas de lança das estrelas do Firmamento.
Ele era o portal de um falso Infinito,
Uma eternidade de desastrosos absolutos,
Uma negação imensa de coisas espirituais.
Todas, uma vez autoluminosos na esfera do espírito
Tornaram-se agora seus próprios, escuros contrários:
O ser colapsou num vazio sem sentido
Que era, contudo, um zero genitor dos mundos;
A inconsciência, devorando a Mente cósmica
A partir de seu sono letal produziu um universo;
A beatitude num coma negro recaiu, insensível,
Recolheu-se a si própria e a alegria eterna de Deus,
Por meio de uma falsa, pungente figura de sofrimento e dor,
Ainda dolorosamente pregada a uma cruz,
Fixou, no solo de um mundo mudo e insensível,
Onde o nascimento era uma dor e a morte uma agonia,
Antes que tudo um dia pudesse de novo mudar-se em beatitude.
O Pensamento se assentava, sacerdote da Perversidade,
Sobre seu negro tripé da triuna Serpente

Lendo por meio de sinais trocados o script eterno,
Uma feiticeira invertendo a estrutura-Deus da Vida.
Em naves escuras, com malignos olhos como lanternas
E vozes fatais cantando desde a abside,
Em estranhas, infernais, obscuras basílicas
Entoando a mágica da Palavra profana,
O sinistro Iniciado das profundezas
Realizava o ritual dos Mistérios dela.
Ali, o sofrimento era o alimento diário da Natureza
Lançando fascínio sobre o coração e a carne angustiados,
E a tortura era a fórmula do deleite,
A dor mimetizava o êxtase celestial.
Ali, o Bem, um cético jardineiro de Deus,
Regou com a virtude a árvore upas do mundo
E, cuidadoso da palavra e do ato exterior,
Enxertou suas hipócritas florações no mal nativo.
Todas as coisas elevadas serviam ao seu oposto inferior:
As formas de Deus sustentavam um culto demoníaco;
A face do céu tornou-se uma máscara e uma cilada do Inferno.
Ali, no coração do vão fenômeno,
No cerne retorcido de uma ação enorme
Ele viu uma forma ilimitada e vaga
Assentando-se sobre a Morte que devora todas as coisas nascidas.
Uma fria, fixa face com nefastos olhos enrijecidos,
Seu tridente terrível em sua mão sombria estendida,
Com um só destino ela perfurava todas as criaturas.

Quando nada havia senão a Matéria sem uma alma,
E um vazio sem espírito era o coração do Tempo,
E a Vida então primeiro tocou o Abismo insensível;
Despertando o rígido Vazio para a esperança e o pesar
Seu pálido raio golpeou a Noite insondada
Em que Deus se ocultou de sua própria visão.
Em todas as coisas ela buscava por sua mística verdade adormecida,
A Palavra não falada que inspira as formas inconscientes;
Ela tateou em suas profundezas por uma Lei invisível,
Tropeçou no obscuro subconsciente por sua mente
E lutou para encontrar um caminho para que o espírito seja.
Da Noite, contudo, uma outra resposta veio.
Naquela matriz inferior havia uma semente,
U'a muda casca não tenteada de verdade pervertida,
Uma célula de um infinito insensível.
Um nascimento monstruoso preparou sua forma cósmica
No titânico embrião da Natureza, a Ignorância.
Então, numa hora fatal e estupenda,
Algo que brotou do sono do rígido Inconsciente
Relutantemente gerado pelo mudo Vazio,
Ergueu sua cabeça ameaçadora contra as estrelas:
Sombreando a Terra com seu imenso corpo de Condenação
Isto enregelou os céus com a ameaça de uma face.
Um Poder sem nome, uma Vontade tenebrosa ergueu-se
Imensa, estrangeira ao nosso universo.
No Propósito inconcebível que ninguém pode sondar,
Um vasto Não-Ser revestiu-se com a forma,

A Nesciência ilimitada das profundezas inconscientes
Recobriu a eternidade com o Nada.
Uma mente em busca substituiu a Alma vidente:
A Vida transformou-se em morte, vasta e faminta,
A beatitude do Espírito foi mudada em dor cósmica.
Certificando a neutralidade autoenvolvida de Deus
Uma oposição poderosa conquistou o Espaço.
Soberana regendo falsidade, morte e pesar,
Sobre a Terra ela impôs sua feroz hegemonia;
Desarmonizando o estilo original
Da arquitetura do desígnio de seu destino,
Ela falsificou a primeva Vontade cósmica
E prendeu a luta e pavorosas vicissitudes
O longo, vagaroso processo do paciente Poder.
Implantando o erro no estofo das coisas
Da Lei todo-sábia isto fez uma Ignorância;
Enganou o toque seguro do sentido oculto da vida,
Manteve emudecido o guia intuitivo no sono da Matéria,
Deformou o instinto do inseto e do bruto,
E desfigurou do homem a humanidade nascida do pensamento.
Uma sombra recaiu por sobre o Raio simples:
Obscurecida na caverna do coração foi a luz-Verdade
Que arde não testemunhada na cripta do altar
Por detrás do segredo do quieto velame,
Fazendo companhia à Divindade do santuário.
Assim nasceu a terrível Energia antagonista
Que faz mímica da forma poderosa da Mãe eterna

E zomba de sua luminosa infinidade
Com uma cinzenta silhueta distorcida na Noite.
Capturando a paixão da alma ascendente,
Ela forçou sobre a vida um passo lento e vacilante;
O peso desviante e retardador de sua mão
É colocado sobre a curva da mística evolução:
A linha tortuosa de sua mente enganadora
Os Deuses não vêm e diante dela o homem é impotente;
Oprimindo a centelha-Deus dentro d'alma
Ela força para trás, até a besta, a queda humana.
Em sua formidável mente instintiva, contudo,
Ela sente o Uno que cresce no coração do Tempo
E vê o Imortal que reluz através do molde humano.
Alarmada por sua regência e cheia de medo e fúria
Ela ronda ao redor de cada luz que reluz através da escuridão
Esperando irromper com feroz passo sorrateiro
E no berço matar a Criança divina.
Incalculáveis são sua força e seu ardil,
Seu toque é uma fascinação e uma morte;
Mesmo o Bem ela transforma num anzol para arrastar para o Inferno.
Por causa dela o mundo se precipita para sua agonia.
Com frequência o peregrino na estrada para o Eterno
Mal iluminada desde as nuvens pela pálida lua da Mente,
Ou por ramais desviados vagueando só,
Ou perdido em desertos nos quais caminho algum é visto,
Cai, esmagado por seu salto leonino,
Um cativo conquistado sob suas garras medonhas.

Intoxicado por um hálito ardente
E pelo gemer amoroso de uma boca destruidora,
Uma vez um companheiro do Fogo sagrado,
O mortal perece para Deus e para a Luz,
Um adversário governa o coração e o cérebro,
Uma Natureza hostil à força-Mãe.
O si da vida cede seus instrumentos
Para o Titã e entidades demoníacas
Que agigantam e desenquadraram a natureza-terra:
Um quinta-colunista encapuzado é agora o guia do pensamento;
Seu sutil murmúrio derrotista mata a fé
E, alojado no peito ou sussurrando desde fora,
Uma inspiração mentirosa, decaída e escura,
Substitui por uma nova ordem a ordem divina.
Um silêncio recai sobre as alturas do espírito,
Do velado santuário o Deus se retira,
Vazia e fria está a câmara de Noivado;
A Auréola dourada agora não é mais vista,
Não mais arde o alvo raio espiritual
E silenciada para sempre é a Voz secreta.
Então, pelo anjo da Torre de Vigília
Um nome é banido do livro de registro;
Uma chama que cantava no Céu afunda, apagada e muda,
Em ruínas termina o épico de uma alma.
Esta é a tragédia da morte interior
Quando é perdido o elemento divino
E somente uma mente e um corpo vivem para morrer.

(...)

Pois agências terríveis o Espírito permite,
E há poderes sutis e enormes
Que se escudam com a Ignorância que recobre.
Crias dos abismos, agentes da Força sombria,
Odiadores da luz, intolerantes da paz,
Macaqueando para o pensamento o reluzente Amigo e Guia,
Opondo-se no coração à Vontade eterna,
Eles velam o oculto Harmonista encorajador.
Os oráculos de sua sabedoria são transformados em nossos grilhões;
As portas de Deus eles trancaram com chaves de credo,
E com a lei aprisionaram sua Graça incansável.
Ao longo de todas as linhas da Natureza eles postaram suas sentinelas
E interceptam as caravanas da Luz;
Onde quer que Deus aja eles intervêm.
Um jugo é lançado sobre o obscuro coração do mundo;
Mascarados para a Beatitude superna são suas batidas,
E as fechadas periferias da Mente reluzente
Bloqueiam os sutis acessos do Fogo celestial.
Os escuros Aventureiros parecem vencer sempre;
A Natureza preenchem com os institutos do mal,
Transformam em derrotas as vitórias da Verdade,
Proclamam como falsidades as leis eternas,
E lançam os dados da Perdição com mentiras feiticeiras;
Os relicários do mundo eles ocuparam, seus tronos usurparam.
Com escárnio para com as minguadas chances dos Deuses
Eles proclamam a criação como seu feudo

E se autocoroam como os férreos Senhores do Tempo.

Adeptos da ilusão e da mascarada,

Os artífices da queda e da dor da Natureza

Erigiram seus altares de Noite triunfante

No templo de barro da vida terrestre.

(...)

Também isto o viajante dos mundos tem de ousar.

Um guerreiro no embate do duelo sem data,

Ele adentrou a muda Noite desesperada

Desafiando com sua alma luminosa a escuridão.

Alarmando com seus passos as trevas do limiar

Ele chegou a um reino terrível e doloroso,

Povoado por almas que jamais provaram da beatitude;

Ignorantes como homens cegos de nascença, que não conhecem a luz,

Eles poderiam igualar o pior mal ao bem mais alto,

A virtude era para seus olhos uma face do pecado

E mal e miséria eram seu estado natural.

O código penal de medonha administração,

Tornando o pesar e a dor a lei comum,

Decretando uma universal ausência de alegria

Tinha transformado a vida num estoico sacramento

E a tortura num festival cotidiano.

Uma lei foi aprovada para castigar a felicidade;

Riso e prazer foram banidos como pecados mortais:

Uma mente sem questionamentos foi avaliada como sábio
contentamento,

A apatia silenciosa de um coração entorpecido tida como paz:

Sono ali não havia, torpor era o único repouso,

A morte vinha, mas não trazia alívio nem fim;
A alma vivia e vivia, e mais sofria.
Mais fundo sempre ele sondou aquele mundo de dor;
Em torno dele ergueu-se o terror de um mundo
De agonia seguida de agonia pior,
E no terror uma grande alegria perversa,
Alegre com a sua própria calamidade, e a do outro.

(...)

Contemplar o drama da infelicidade,
O contorcer-se das criaturas sob o ancinho da condenação
E o trágico olhar fixo do sofrimento, na noite
E o horror e o coração martelante do medo
Eram os ingredientes na carregada taça do Tempo
Que compraziam e ajudavam a desfrutar de seu gosto amargo.
De tal estofo medonho era feito o inferno prolongado da vida:
Estes eram os fios da teia da negra aranha
Na qual a alma estava capturada, trêmula e amarrada;
Esta era a religião, esta a regra da Natureza.
Numa capela de iniquidade,
Para adorar uma negra, impiedosa imagem de Poder
De joelhos é preciso atravessar pétreos átrios de duro coração,
Um pavimento como um chão de maligno destino.
Cada pedra era a margem afiada de força impiedosa
Afixada com o sangue congelado de peitos torturados;
As ressequidas árvores nodosas erguiam-se como moribundos
Sufocados em pose de agonia,

E de cada janela espreitava um nefasto sacerdote
Entoando Te Deums para a graça triunfante do assassinio,
Cidades desenraizadas, lares humanos explodidos,
Retorcidos corpos incinerados, o massacre do bombardeio.
"Nossos inimigos caíram, eles caíram", eles cantam,
"Todos aqueles que um dia afrontaram nossa vontade estão batidos e mortos;
Quão grandes nós somos, quão misericordioso Tu és".
Assim pensaram eles alcançar o trono impassível de Deus
E a ele comandar, ele a quem todos os atos deles se opuseram,
Aumentando seus feitos para tocar os céus dele,
E fazer dele um cúmplice de seus crimes.

(...)

Aquele era um mundo de sofrimento e de ódio,
Sofrimento tendo o ódio como sua única alegria,
O ódio tendo o sofrimento de outros como seu festim;
Amargo rictus ondulava a boca sofredora;
Trágica crueldade viu sua chance tenebrosa.
O ódio era o negro arcanjo daquele reino;
Ele reluzia, joia sombria no coração,
Queimando a alma com seus raios malignos,
Amuralhando-se em seu decaído abismo de poder.

(...)

Num mundo em que nem a esperança nem a alegria poderiam advir
A provação ele sofreu do reino absoluto do mal,

Contudo manteve intacta a verdade radiante de seu espírito.
Incapaz de movimento ou de força,
Na negação vazia da Matéria engaiolado e cego,
Pregado à negra inércia de nossa base
Ele entesourou entre suas mãos sua alma tremeluzente.
Seu ser se aventurou num Vazio sem mente,
Abismos intolerantes que não conheciam nem pensamento nem sentido;
O pensamento cessou, o sentido, sua alma via e conhecia ainda.
Nos parcelamentos atômicos do Infinito,
Próximo dos mudos começos do Ser perdido,
Ele sentiu a curiosa, pequena futilidade
Ou, sufocado no vazio ocaso do Inconsciente,
Ele sondou o mistério escuro e insondável
Das profundezas enormes e sem sentido
De onde ergueu-se num universo morto a vida em luta.
Lá, na rígida identidade perdida pela mente,
Ele sentiu o sentido selado do mundo insensível
E uma calada sabedoria na Noite sem conhecimento.
O segredo abissal ele adentrou,
Lá onde de seu colchão a escuridão espreita, cinzenta e desnuda,
E se posta no último piso trancado do subconsciente
Onde o Ser dormia inconsciente de seus pensamentos
E erigiu o mundo sem conhecer o que havia erigido.
Lá, esperando sua hora, jazia o futuro desconhecido,
Lá está o registro das estrelas desvanecidas.
Lá, no devaneio da Vontade cósmica,
Ele viu a chave secreta da mudança da Natureza.

Uma luz estava com ele, uma mão invisível
Estava pousada sobre o erro e a dor,
Até que ela se tornasse um êxtase tremulante,
O choque da doçura de um abraço.
Ele viu na Noite o véu sombrio do Eterno,
Conheceu a morte como um porão da casa da vida,
Na destruição sentiu o passo apressado da criação,
Conheceu a perda como o preço de um ganho celestial
E no inferno um atalho para os portões do céu.
Então, na fábrica oculta da Ilusão
E na mágica casa de impressão do Inconsciente
Rasgados foram os formatos da Noite primal
E despedaçados os estereótipos da Ignorância.
Viva, respirando um fôlego espiritual profundo,
A Natureza expurgou seu rígido código mecânico
E os artigos do contrato da alma aprisionada,
A falsidade devolveu à Verdade sua forma torturada.
Anuladas foram as tábuas da lei da dor,
E em seu lugar brotaram caracteres luminosos.
O dedo invisível do habilidoso Calígrafo escreveu
Sua rápida caligrafia intuitiva;
As formas da Terra tornaram-se seus documentos divinos,
A sabedoria que a mente corporificada não poderia revelar,
A Inconsciência expulsa do peito sem voz do mundo;
Transfigurados foram os esquemas fixos do Pensamento racional.
Despertando a consciência nas coisas inertes,
Ele impôs ao escuro átomo e à turva massa

O script diamantino do Imperecível,
Inscreveu no coração obscuro das coisas decaídas
Um cântico de louvor do livre Infinito
E do Nome, a fundação da eternidade,
E traçou, nas exultantes células despertas,
Nos ideogramas do Inefável
O poema do amor que espera através do Tempo
E o místico volume do Livro da Bem-aventurança
E a mensagem do Fogo supraconsciente.
A Vida então pulsou, pura, na forma corpórea;
O Clarão infernal feneceu e não mais poderia matar.
Fendeu-se de alto a baixo a imensa, abrupta fachada do Inferno
Como se mágica edificação fosse desfeita,
A Noite se abriu e desvaneceu como um abismo de sonho.
Na fenda do ser escavada como o Espaço vazio
No qual ela preencheu o lugar de um Deus ausente,
Derramou-se uma vasta, íntima e beatífica Aurora,
Curadas foram todas as coisas que o coração dilacerado do tempo havia
feito
E o pesar não mais poderia viver no seio da Natureza:
A divisão cessou de ser, pois Deus estava lá.
A alma iluminou com seu raio o corpo consciente,
A Matéria e o Espírito se misturaram e eram um só.